

EXPRESSÕES CULTURAIS LGBTQIAPN+ E O AMBIENTE ESCOLAR: CAMINHOS PARA A INCLUSÃO E O RESPEITO¹

Giovanna Santos Belico ²
Thales do Amaral Santos ³
Andreia dos Santos ⁴

INTRODUÇÃO

O Brasil segue liderando, ano após ano, o ranking mundial de assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+, superando, isoladamente, países como Estados Unidos e México juntos (Benevides, 2024). Esse quadro de violência evidencia a marginalização sistemática dessa população, expressa também no ambiente escolar — espaço que deveria promover acolhimento e reconhecimento, mas que, muitas vezes, reforça o silenciamento e a exclusão, frequentemente se mostrando hostil às dissidências de gênero e sexualidade, sendo cúmplice da manutenção de uma ordem heteronormativa e cisgênera.

Este trabalho nasce da urgência em construir salas de aula mais acolhedoras para as pessoas LGBTQIAPN+, dentro de um contexto de pânico moral (Galzerano, 2021), em que falar sobre essa temática dentro do currículo oficial tem se tornado cada vez mais atormentador aos professores de todo o país. Assim, construir outras formas de se levar a temática LGBTQIAPN+ para a sala de aula, via um currículo não oficial, é fundamental. O trabalho de Thales do Amaral Santos (2020) nos chama a atenção de que os debates sobre gênero e sexualidade não devem estar nas mãos apenas da escola, mas de toda a sociedade e, os movimentos sociais, assim como a cultura LGBTQIAPN+ podem ser um caminho. Assim, escolhemos investigar como a cultura LGBTQIAPN+ é percebida por estudantes do Ensino Médio em uma escola pública de Belo Horizonte, com o objetivo de criar pontes entre cultura, identidade e educação.

Assumimos como ponto de partida o conceito de "Cultura LGBTQIAPN+" proposto por Didier Eribon (2008), que articula experiências vividas, símbolos, vocabulários, afetos e

¹ Este projeto integra pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, gbelico@sga.pucminas.br

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, thales.santos.quatro@gmail.com;

⁴ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, andossantos@gmail.com.

expressões culturais como mecanismos de resistência e afirmação. A pesquisa, então, dialoga com a ideia defendida por Thales do Amaral Santos (2020), que defende a presença ativa e simbólica da cultura LGBTQIAPN+ nas escolas como forma de abrir espaço para o diálogo e reconhecimento.

JUSTIFICATIVA

A presença da homofobia nas escolas é explícita, cruel e frequentemente negligenciada. Como observa Louro (1997), as instituições se posicionam em relação à um gênero, raça e classe, reproduzindo assimetrias históricas. A escola é, muitas vezes, atravessada por códigos heteronormativos: desde a separação binária nos banheiros até a representação predominante do masculino nos conteúdos pedagógicos. Esta lógica estrutura um ambiente em que corpos dissidentes são silenciados, seus afetos ignorados, e sua existência, quando não invisibilizada, é violentada.

Precisamos urgentemente infestar a escola com elementos LGBTQIAPN+, conforme propõe Thales Santos e Paulo Nogueira (2024, p. 187):

Ocupar os murais, os livros didáticos, as rodas de conversa, as salas de aula, 186 Título do livro Para a escola nunca mais voltar para o armário as bibliotecas, os pátios, as caixas de som, todos os espaços com temas LGBTQIA+, não em tom professoral, mas em tom cultural, ou seja, vocábulos, personalidades, assuntos, músicas, danças, tudo aquilo que nos remete ao mundo LGBTQIA+ é importante.

Inspirada pela performance de Nickary Aycker (2019), esta pesquisa também é um ato de apresentação, de existência. É parte de uma trajetória de resistência e elaboração de alternativas para que a escola se torne, enfim, um espaço de possibilidade para as pessoas LGBTQIAPN+:

Olhem para mim e digam o que vocês veem em mim? Vocês sempre tiveram medo de mim porque não me conheciam e eu sempre tive medo do medo de vocês... Mas calma... Calma, eu poderia ter me apresentado antes, dito que: não sou sozinha, não sou bruxa e nem feiticeira. Eu sou uma pessoa: uma pessoa como você, que sonha. Você que deve ter alguém que te ama muito. Você que gosta de brigadeiro. Ela que se arruma toda, antes de sair de casa. Ele que todo ano faz aniversário. Como alguém que se machuca e sente o ardido do machucado. Como quem conta história, arruma casa, faz o almoço, lê um livro! Eu sou uma pessoa, uma travesti preta e da periferia! – (Santos & Nogueira, 2024, p. 184)

OBJETIVOS

Geral:

Mapear elementos culturais LGBTQIAPN+ identificados por estudantes do ensino médio, de forma a propor debates sobre a temática, a partir de um currículo não oficial.

**Específicos:**

1. Mapear as primeiras associações que os/as estudantes fazem ao termo “cultura LGBTQIAPN+”.
2. Categorizar as percepções segundo eixos temáticos (expressões artísticas e culturais, ativismo e luta por direitos, estereótipos, preconceito ou desconhecimento e sexualidade e identidade de gênero)
3. Propor intervenções culturais no espaço escolar como forma de inclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa encontra, antes de um referencial teórico robusto, uma prática/vivência docente fundamental. Corpos LGBTQIAPN+, bastante violentados pelo espaço da sala de aula, sala das/os professoras/es, sabendo de toda a dificuldade em se construir escolas acolhedoras para as dissidências de gênero e sexualidade, encontram algum conforto quando percebem, que naquele espaço, há pessoas que estão nessa luta. E essa percepção ocorre não por falas, ou expressões verbais, mas por aquilo que está dito não nas palavras, mas nos símbolos. Seja em tatuagens LGBTQIAPN+, em chaveiros nas mochilas, ou adesivos nos armários com a bandeira do movimento, etc...

Uma recente campanha da OSLO PRIDE (2025), mostra o quão importante são os elementos simbólicos LGBTQIAPN+ para que as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade se sintam acolhidas em espaços comumente violentos para essas identidades. A campanha mostra espaços como o transporte público, o transporte por aplicativo e as entrevistas de emprego. Não mostra as salas de aula, mas deveria.

Contudo, cabe dizer que como base teórica deste estudo, partimos da articulação entre educação, cultura e subjetividades. Para Paulo Freire (1988), toda educação é um ato político, e bell hooks (2013) reforça que o afeto é central nesse processo. Thales Santos (2020) propõe que a cultura LGBTQIAPN+ pode e deve estar presente na escola, inclusive fora dos currículos oficiais. Segundo Guacira Louro⁵ (2016), é preciso desafiar a norma heterossexual e cisgênera, reconhecendo o corpo como construção simbólica. Araújo e Camargo (2012) denunciam o silenciamento das minorias na escola como uma forma de exclusão, evidenciando que a ausência de representação também é violência. Vianna (2015) destaca a importância dos

⁵ Cabe salientar que durante toda a escrita do trabalho destacamos os nomes das autoras e autores com a citação do primeiro e último nome. Essa é uma estratégia para demarcamos principalmente as autoras do gênero feminino. Essa estratégia se faz necessário uma vez que a nossa cultura acadêmica tem valorizado a participação dos homens na produção científica, sendo necessário marcar assim o relevante número de pensadoras do gênero feminino em nosso campo de pesquisa.





movimentos sociais LGBTQIAPN+ na construção de uma educação inclusiva, ressaltando o papel estratégico de redes e alianças na formulação de políticas públicas e resistência cotidiana.

Carlos Brandão (1981) foi muito feliz ao afirmar que “ninguém escapa da educação!”. Sendo assim, é importante entender que a sala de aula é um ambiente em que a criança não escolheu estar e não tem consciência dos conflitos que enfrenta todos os dias. A escola como uma instituição importante no processo de socialização dos indivíduos não pode permitir que desde pequenas, as crianças já desenvolvam o preconceito em relação às diferenças. Entretanto, quando analisamos a formação das professoras e professores é possível perceber que não há um entendimento de que faz parte do currículo o entendimento sobre a importância de se valorizar as diferenças ou de prevenir e identificar o bullying, sendo um grande desafio para os cursos de licenciatura (Gatti, 2009).

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e participativa, orientada por um ethos político que considera a produção de conhecimento como ferramenta de transformação social (Tedesco et al., 2013). Como metodologia, utilizamos dados secundários, a partir de uma atividade aplicada aos estudantes do ensino médio, de uma escola pública de Belo Horizonte, em que foi apresentado como pergunta o seguinte questionamento:

A cultura pode ser entendida como tudo aquilo que o ser humano produz, seja músicas, filmes, danças, livros, obras de arte, etc... Quando se fala em CULTURA LGBT, qual é a primeira coisa que vem na sua cabeça?

Figura 1 - Pergunta sobre elementos da cultura LGBTQIAPN+ em uma atividade para estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Belo Horizonte/MG.

Um total de 110 estudantes do Ensino Médio responderam à pergunta. As respostas foram analisadas com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), resultando na categorização dos dados em quatro grandes eixos:

1. Expressões artísticas e culturais (músicas, filmes, Parada do Orgulho LGBTQIA+).
2. Ativismo e luta por direitos.
3. Estereótipos, preconceito ou desconhecimento.
4. Sexualidade e identidade de gênero



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 110 respostas ao questionário revelou uma diversidade de percepções sobre o que os/as estudantes associam à “cultura LGBTQIAPN+”. Utilizando a técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), foi possível organizar as respostas em quatro categorias principais, cada uma refletindo dimensões distintas da presença (ou ausência) da cultura LGBTQIAPN+ no imaginário estudantil. Abaixo, apresentamos os resultados por categoria, com exemplos e comentários interpretativos:

1. Expressões artísticas e culturais (44 respostas)

Exemplos:

1. *“Quando se fala em cultura LGBT a primeira coisa que me vem na cabeça são as divas Pop, que muitas vezes são ou estão associadas.”*
2. *“A cultura LGBTQIA + me faz lembrar das músicas alegres, dos clipes e das maquiagens bem produzidas.”*
3. *“Me vem algumas músicas, parada gay, a bandeira que hoje é usada e estampa várias coisas.”*
4. *“Arte, como música, cinema e pinturas. Alguns dos meus artistas favoritos são LGBT, como o Frank Ocean e Tyler the Creator, que eu admiro muito como artistas e como pessoas.”*

Essa foi a categoria mais frequente, reunindo 40% das respostas. Os/as estudantes associaram a cultura LGBTQIAPN+ sobretudo à música, performance, estética e eventos como a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+. A presença de ícones da música pop e da cena drag, como Pabllo Vittar, revela a força da mídia e das redes sociais como canais de contato com essa cultura.

Essa centralidade da estética e da arte está em consonância com o que Eribon (2008) chama de “expressões simbólicas de resistência”, em que a cultura LGBTQIAPN+ se manifesta como celebração do corpo, da liberdade e da identidade. Isso também reflete a influência da cultura pop. Diego Vianna (2024, p.30) destaca que:

A formação identitária do ser resulta da sua relação com um coletivo social e tudo aquilo que exerce influência sobre ele. Para o homem gay, tal processo é ainda mais acentuado pois sua vivência social e, conseqüentemente, sua busca por sua identidade é atravessada por vários comportamentos e formações discursivas a todo momento. Nesse processo identitário busca-se diversas influências que possam ser um apoio

durante a busca pelo “quem eu sou”. As redes sociais que envolvem uma interação, em tese, mais ilimitada são pontos de referências para os usuários com esse padrão, como o Twitter (agora nomeado X) e o BlueSky. Com publicações diversas, se destaca principalmente a interação do internauta homossexual com a cultura pop, principalmente no que se refere as ditas “divas pop”.

O autor ainda aponta que a aproximação de homens gays em relação às divas POP, associa-se a um movimento de valorização da cultura feminina que demarca o empoderamento da mulher.

2. Ativismo e luta por direitos (27 respostas)

Exemplos:

1. *“Uma comunidade única que luta pelos seus direitos.”*
2. *“Que a cultura LGBT são uma população forte por enfrentar muitos preconceitos e mesmo assim continua seguindo com seu coração.”*
3. *“Acho que é as pessoas LGBT lutarem por seus direitos e contra a homofobia.”*

Palavras-chave que apareceram nas respostas: “Luta” – “Respeito” – “Direitos” – “Violência contra LGBTQIA+” – “Passeata”

Aproximadamente 24,5% das respostas se referiram diretamente à ideia de resistência, violência vivida e luta por direitos. A palavra “luta” aparece repetidamente, indicando que há uma percepção, entre muitos/as estudantes, de que ser LGBTQIAPN+ está relacionado à resistência contra a marginalização. Essa categoria demonstra uma consciência política em parte dos/as respondentes. Ao relacionarem cultura LGBTQIAPN+ com “luta”, os/as estudantes apontam para o caráter histórico e coletivo das reivindicações de igualdade. Aqui ecoa Vianna (2015), que aponta os movimentos sociais como forças pedagógicas capazes de provocar transformações culturais e institucionais.

3. Estereótipos, preconceito ou desconhecimento (20 respostas)

Exemplos:

1. *“Uma sociedade de pessoas que não se identificaram com seu gênero e teve que mudar, pessoalmente eu respeito essa sociedade, porém eu não concordo com o termo ‘cultura’. Pra mim isso não é cultura, e sim uma sociedade de pessoas que não se aceitaram.”*
2. *“São apenas pessoas que querem ser elas mesmas. Porém elas devem saber que isso não agrada o Criador, Jesus mesmo disse que “Negue a si mesmo, pegue a tua cruz e me siga.”*

3. *“Eu não apoio! Não tenho raiva, não desprezo (também quem sou eu pra desprezar alguém), mas eu não apoio essa cultura homossexual. Sou cristã, acredito no que deus diz e nas escrituras sagradas, mas eu super respeito! (cada um com suas crenças, amém).”*

Aproximadamente 18% das respostas se enquadram nessa categoria. O número expressivo de respostas vagas ou marcadas pelo desconhecimento ou até mesmo associações baseadas em estereótipos reforça a ausência de um debate estruturado e referências mais sólidas sobre o tema na escola, o que pode contribuir para a manutenção do preconceito e da marginalização simbólica. Esse dado reforça a hipótese levantada por Guacira Louro (1997) e Rubenilson Araújo e Flávio Camargo (2012), segundo a qual o silenciamento e a ausência de debate estruturado na escola produzem uma ignorância simbólica que, muitas vezes, resulta em preconceito ou indiferença.

4. Sexualidade (19 respostas)

Exemplos:

“Vem várias pessoas que gostam do mesmo sexo. Exemplo: homem com homem.”

“Cultura LGBT é uma cultura onde cada um tem sua sexualidade e todos devemos respeitar.”

“A primeira coisa que vem na minha cabeça, é casais dos mesmos gêneros, e que gostam do mesmo gênero.”

Palavras-chave: “Pessoas que gostam de ambos os sexos” – “Casais do mesmo gênero” – “Pessoas trans”

Essa categoria emergente representa cerca de 17% das respostas. Ela reúne respostas que podem ser entendidas como associações ao fato de que pessoas LGBTQIAPN+ se relacionam com a relação sexual ou afetiva entre pessoas do mesmo gênero, relacionada a uma prática sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade de respostas obtidas nesta pesquisa revela que a cultura LGBTQIAPN+ já está presente no imaginário dos/as estudantes, manifestando-se de múltiplas formas — como arte, resistência, expressão de afetos e, por vezes, como incompreensão ou silenciamento. Essas percepções refletem os discursos sociais que atravessam as juventudes, ao mesmo tempo em



que expõem a ausência (ou fragilidade) de debates estruturados sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar.

A análise das categorias emergentes mostra que a escola ainda não se constitui como um espaço plenamente capaz de oferecer vocabulário, escuta e segurança para que essas subjetividades se expressem com liberdade. Contudo, as falas dos/as estudantes indicam fissuras e potências: há brechas para o diálogo, desejos de reconhecimento e experiências que já colocam em circulação elementos da cultura LGBTQIAPN+, especialmente por meio da arte, da cultura pop e de práticas informais.

Esses dados confirmam a hipótese de que a cultura LGBTQIAPN+ habita, ainda que de forma difusa, o cotidiano escolar. O desafio que se impõe, portanto, é reconhecer e fortalecer essas presenças como recursos pedagógicos e culturais, e não como ameaças à ordem normativa. Defende-se, assim, a construção de uma proposta educativa que incorpore essa cultura em múltiplas linguagens, espaços e tempos da escola — como murais, playlists, oficinas, bibliotecas, mostras culturais, entre outros.

A presença simbólica e afetiva desses elementos pode contribuir significativamente para romper com o silenciamento institucionalizado, transformando a escola em um território de pertencimento e reconhecimento. Como demonstra o exemplo extraído do cotidiano escolar do pesquisador Thales Santos — que integra esta pesquisa —, um simples chaveiro com a bandeira LGBTQIAPN+ foi capaz de despertar conversas e criar vínculos com estudantes que já traziam referências dessa temática por meio da cultura pop. Esse dado ilustra como pequenos gestos simbólicos podem abrir caminhos para a construção de um ambiente mais inclusivo.

Inspirados/as por autores/as como bell hooks (2013), Guacira Louro (2016) e Claudia Vianna (2015), reafirmamos que uma educação verdadeiramente democrática só será possível quando todas as subjetividades forem reconhecidas como legítimas. Em tempos de avanço do conservadorismo, torna-se ainda mais urgente reimaginar a escola como um espaço de acolhimento, onde corpos dissidentes possam existir com orgulho, visibilidade e respeito. A aliança entre educação formal e movimentos sociais é, nesse contexto, não apenas desejável, mas necessária para que a escola se torne um lugar de transformação social.

Como próximos passos da nossa pesquisa, cabe agora compreender, junto á educadoras e educadores, como os elementos culturais elencados podem estar presentes no dia a dia da sala



de aula e da comunidade escolar de forma a oferecer um ambiente de acolhimento para as pessoas LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Cultura LGBTQIAPN+, Escola, Expressões culturais, Gênero e sexualidade, Preconceito estrutural.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jeanne Chaves. Igualdades e diferenças: corpo e sexualidade nas relações de gênero. In: CONGRESSO PAN-AMAZÔNICO DE HISTÓRIA ORAL, 2015. Anais... Manaus: Associação Brasileira de História Oral, 2015. Disponível em: http://www.norte2015.historiaoral.org.br/resources/anais/12/1444835110_ARQUIVO_ARTIGOIgualdadesediferencasnoscursosdosgeneros.pdf.

ARAÚJO, Rubenilson Pereira; CAMARGO, Flávio Pereira. Gênero, dificuldade sexual e currículo: um diálogo possível e necessário. In: IRINEU, Bruna Andrade; FROEMMING, Cecília Nunes (orgs.). Gênero, sexualidade e direitos: construindo políticas de enfrentamento ao sexismo e à homofobia. Palmas: UFT, 2012.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2024.

BRANDÃO, Carlos. O que é educação? São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Lei 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CORRÊA, Sonia; COLLET, Ângela. Princípios de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Rio de Janeiro: SPW, 2007.

DANILIAUSKAS, Marcelo. Relações de gênero, diversidade sexual e políticas públicas de educação: uma análise do Programa Brasil Sem Homofobia. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Homofobia: identificar e prevenir. Metanoia, 2019.

DE QUEIROZ NOGUEIRA, Paulo Henrique; DOS SANTOS, Thales Amaral; DA SILVA OLIVEIRA, Wesley Frank. Estudantes LGBTQIA+ na escola: o arco-íris nem sempre colorido. Pergaminho, 2020.

DO AMARAL SANTOS, Thales et al. Toda escola deveria ter uma parada do orgulho LGBTQIA+ que a ajudasse a sair do armário e a enfrentar o bullying com motivação LGBTQfóbica. 2020.

ERIBON, Didier. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACHINETTO, Jéssica Lopes. Direitos LGBT e a heteronormatividade: um estudo de caso do grupo MUDE-SE da UFJF. 2011. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/graduacaocienciasociiais/files/2010/11/DIREITOS-LGBT-E-A-HETERONORMATIVIDADE-J%C3%A9ssica-Lopes-Fachinetto.pdf>.

FEITOSA, Cleyton. Políticas públicas LGBT e construção democrática no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José A. G. de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GALZERANO, Luciana Sardenha. A ofensiva anti-gênero na sociedade brasileira. 2021.

GATTI, Bernadete A. *Formação de professores: condições e problemas atuais*. Revista Brasileira de Formação de Professores, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 90-102, maio 2009.

GREEN, James. Além do carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

hooks, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Vozes, 2016.

OSLO PRIDE. TRYGG – Oslo Pride 2025 [vídeo]. YouTube, 31 maio 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UVepoXddTW4&ab_channel=OsloPride. Acesso em: 15 jun. 2025.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala. In: Conferência Congresso AMP: Mulheres em Psicanálise, 2019.

SANTOS, Thales do Amaral; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. Toda escola deveria ter uma parada de orgulho LGBTQIA+. Belo Horizonte: Editora Selo FaE, 2024. E-book. 206 p. ISBN 9786588446461

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. Fractal: Revista de Psicologia, v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 3, p. 791-806, 2015.

VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

